

Uma Visão do Mar

Era o pino do Verão, e o rapaz estava deitado no milho. Sentia-se feliz porque não tinha nenhum trabalho para fazer e o tempo estava quente. Ouvia o milho ondular de um lado para o outro, por cima de si, e o barulho dos pássaros que assobiavam nos ramos das árvores que escondiam a casa. Deitado de costas, olhava para o céu uniformemente azul caindo sobre a orla do milho. O vento, depois da chuva morna antes do fim da tarde, cheirava a coelhos e a gado. Espreguiçou-se como um gato e pôs as mãos debaixo da cabeça. Agora cavalgava no mar, nadando por entre as ondas de milho doirado, deslizando pelos céus como um pássaro; com botas de sete léguas saltava sobre os campos; construía um ninho na sexta das sete árvores que acenavam as mãos, do cimo de um monte verde e brilhante. Agora era um rapaz de cabelo esguedelhado, levantando-se preguiçosamente, deixando para trás o milho e vagueando até ao fio de rio no flanco do monte. Pôs os dedos dentro da água, fazendo uma onda do mar a fingir, para revolver as pedras e agitar as algas;

os seus dedos ergueram-se como dez majestosas colunas, agigantados pela água, e um peixe de cabeça sábia e cauda fustigante entrou e saiu pelas portas dos torreões. Enquanto o peixe nadava através das portas, até aos seixos e ao leito em movimento, inventou uma história. Era uma princesa afogada de um livro de Natal, com os ombros partidos e as duas tranças ruivas esticadas sobre o pescoço partido como cordas de um violino; estava presa numa rede de pescadores e os peixes puxavam-lhe o cabelo. Esqueceu-se do fim da história, se é que havia fim para uma história sem princípio. Será que a princesa voltava a viver, erguendo-se da rede como uma sereia, ou será que um príncipe de uma outra história lhe esticava as tranças do cabelo e lhe curvava os ombros numa harpa e tangia para sempre melodias negras e funestas nas cortes do reino? O rapaz lançou uma pedra saltitante sobre a água verde. Viu um coelho escapular-se e mandou-lhe uma pedra ao rabo. Um peixe pulou para os mosquitos, e uma cotovia irrompeu da terra verde. Este era o melhor Verão desde as primeiras estações do mundo. Ele não acreditava em Deus, mas Deus tinha feito este Verão cheio de ventos azuis e de calor e de pombos no bosque da casa. Não havia chaminés nos montes sem nome à distância, apenas as árvores em pé como mulheres e homens gozando o sol; não havia gruas nem poços de carvão, apenas a distância sem nome e o monte com sete árvores. Não conseguia pensar em nenhuma palavra que dissesse quão maravilhoso era o Verão, ou o barulho dos pombos bravos, ou o milho preguiçoso enfunado sob o meio-vento do mar ao fim do rio. Não havia palavras

para o céu e o sol e o campo estival: os pássaros eram lindos e o milho era lindo.

Atravessou o campo lindo e subiu o monte. Sob o verde inocente das árvores, enquanto os melros voavam até ao sol, a história da princesa morreu. Naquela tarde não havia nenhum mar naufrago para lhe puxar as tranças; o mar tinha crescido e desaparecido, deixando um monte, um campo de milho e uma casa escondida; tão alta como a primeira árvore baixa, ela deslizou pela sétima e postou-se à frente dele, num vestido de algodão rasgado. As suas pernas nuas e castanhas estavam todas arranhadas, tinha manchas de amora à volta da boca, as unhas pretas e partidas, e os dedos espreitavam-lhe dos sapatos de borracha. Ela estava de pé num monte que não era maior do que uma casa, mas o campo em baixo e o fio brilhante de rio eram tão pequenos como se o monte fosse uma montanha sobranceira a uma só folha, a um só pingo de água; as árvores à volta da casa de lavoura eram paus de fósforo; e os cumes de Jarvis, e o cume de Cader a seguir a eles, estendendo-se até ao extremo da Inglaterra, eram montículos e sombras de pedras no sossegado e singular espaço da distância. Da primeira sombra, o rapaz olhou para baixo vendo o rio a desaparecer, o milho a ser soprado para dentro da terra, a centena de árvores em volta da casa contraindo-se num caule e os quatro cantos do campo amarelo encontrando-se num quadrado que ele podia cobrir com a mão. Viu a província multicolor encolher como um casaco ao ser lavado. Depois, um novo vento nasceu da bagatela de água no fim do rio-gota, enfunando o monte-campo para o seu tamanho

real, e o milho levantou-se como dantes, e o único caule que escondia a casa dividiu-se numa centena de árvores. Isto aconteceu em meio segundo.

Os melros voaram de novo dos ramos mais altos numa nuvem como um cone; não havia fim para o voo triangular e negro dos pássaros até ao sol; do monte ao sol a ponte alada elevava-se silenciosamente; e depois levantou-se de novo um vento, desta vez do mar vasto e verdadeiro, e fez estalar as costas da ponte. Como perdizes, os pássaros vulgares caíram num aguaceiro.

Tudo isto aconteceu em meio segundo. A rapariga com o vestido de algodão rasgado sentou-se na relva e cruzou as pernas; um vento de verdade vindo de sítio nenhum levantou-lhe o vestido, e até à cintura ela era castanha como uma bolota. O rapaz, ainda de pé timidamente, nas primeiras sombras, viu a princesa quebrada das férias morrer pela segunda vez, e uma rapariga do campo tomar-lhe o lugar no monte vivo. Quem se assustara com uns poucos de pássaros a voar das árvores, e com uma súbita incandescência do sol que fez o rio e o campo e a distância parecerem tão pequenos abaixo do monte? Quem lhe dissera que a rapariga era tão alta como uma árvore? Não era mais alta nem mais estranha do que as raparigas floridas de domingo que faziam piqueniques no vale de Whippet.

«O que é que estavas a fazer em cima da árvore?», perguntou-lhe ele, envergonhado do seu silêncio frente ao sorriso dela, e subitamente acanhado quando ela se mexeu, fazendo a erva debaixo de si erguer-se arqueada e verde entre as suas pernas castanhas. «Andavas aos ninhos?», disse ele, e sentou-se ao lado dela.

Mas na erva arqueada sob a sétima sombra, o seu primeiro terror dela brotou de novo como um sol regressando do mar que o afundara, e queimou-lhe os olhos até ao crânio e pôs-lhe os cabelos em pé. A mancha nos lábios dela era sangue e não amoras; e as suas unhas não estavam partidas mas afiadas, dez negras lâminas de tesoura prontas a cortar-lhe a língua. Se ele gritasse alto pelo tio na casa escondida, ela faria novos animais, convocaria do bosque a uma milha de distância tigres de Carmarthen¹ para saltarem em roda dele e lhe morderem as mãos; faria com que novos pássaros barulhentos assobiassem no ar e chilreassem para que os seus gritos não fossem ouvidos. Deixou-se ficar sentado muito quieto à esquerda dela, e ouviu-lhe o coração no peito afogar todos os sons do Verão; cada uma das folhas da árvore que os ensombrava cresceu então até ao tamanho de um homem, as estrias da sua casca eram canais e rios tão largos como enormes navios; e o musgo da árvore, e o acerado círculo de erva à volta da base eram o manto de veludo dos verdes prados da província, enfunados de ponta a ponta. Agora, no monte do tamanho do mundo, com as árvores como céus segurando os tempos, no agigantado tempo de Verão, ela inclinou-se para ele de tal modo que ele não conseguia ver o campo de milho nem a casa do tio, devido ao seus cabelos fartos e ruivos; e o céu e os cumes distantes eram pontos de luz na pupila dos seus olhos.

Isto é a morte, disse o rapaz para si mesmo, tuberculose e tosse convulsa e pedras dentro de nós... e a ma-

¹ Cidade que dá nome a uma região no País de Gales. (N. T.)